



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIA – CAMPUS XXIII**  
**SEABRA – Bahia**

**CORES D'ESSA TERRA:**  
**PASSEANDO PELAS AS CAPAS DO ROMANCE**  
***ESSA TERRA DE ANTÔNIO TORRES.***

LUCINEIDE SOUZA DOS SANTOS

**SEABRA – BAHIA**

**2016**

LUCINEIDE SOUZA DOS SANTOS

**CORES D'ESSA TERRA:**  
**PASSEANDO PELAS AS CAPAS DO ROMANCE**  
***ESSA TERRA DE ANTÔNIO TORRES.***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Campus XXIII, como requisito final para a obtenção do grau de licenciatura no curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Dra. Renata Maria do Nascimento.

**SEABRA – BAHIA**

**2016**

**CORES D'ESSA TERRA:**  
**PASSEANDO PELAS AS CAPAS DO ROMANCE**  
**ESSA TERRA DE ANTÔNIO TORRES.**

LUCINEIDE SOUZA DOS SANTOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Campus XXIII, como requisito final para a obtenção do grau de licenciatura no curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Dra. Renata Maria do Nascimento.

Data de Aprovação

15/06/2016.

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Renata Maria do Nascimento.  
Orientadora

---

Prof<sup>º</sup>. Ms. Everton Nery Carneiro  
Professor da disciplina de TCC

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Renata Maria do Nascimento  
Orientadora  
(UNEB)  
Presidente da Banca

---

Prof<sup>ª</sup> Ms. Amanda Maria Nascimento Gomes  
(UNEB)

Examinadora

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Emanuele Pereira Santos.  
(UNEB)  
Examinadora.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha formação como profissional de Letras não poderia ter sido concretizada sem a ajuda de meus queridos pais Juraci Martins e Sueli Rosa que, no decorrer da minha vida, me ensinaram valores essenciais, para que eu pudesse me tornar o ser humano que hoje sou.

À Deus, dedico o meu agradecimento maior, porque têm sido tudo em minha vida. Um agradecimento especial ao meu esposo Danilo, que me ajudou também com seu apoio, me dando forças para continuar nas horas de aflição e desespero.

Aos amigos e todos os familiares, professores (as) principalmente a Prof.<sup>a</sup> Renata Nascimento, pelas contribuições e paciência nas orientações, a ti sou muito grata, e todos aqueles (as) que cruzaram em minha vida, participando de alguma forma na construção e realização deste tão desejado sonho.

Já me disseram o seguinte: “Essa terra pegou na veia” Diz o livreiro carioca Aluizio Leite Filho que “mesmo que a terra acabe Essa terra fica” quem gosta desse livro gosta pra valer.

Antônio Torres

## **RESUMO**

Este artigo se propõe a abordar criticamente as capas do romance *Essa Terra*, do autor baiano Antônio Torres evidenciando a relação entre cada uma dessas capas com o enredo da obra. Para isso utilizamos como metodologia alguns instrumentais dos Estudos culturais, para a análise das imagens e as relações entre livro capa/ilustrador/a e editoras. E consta como referencial teórico básico os estudos de Caldas (2010) sobre a concepção de imagens e capas de livros; também Fonseca (2006; o uso da simbologia em Chevalier (1999) e as relações entre a produção literária e suas capas Straccia (2007).

**PALAVRAS-CHAVE:** Capas, Imagem, *Essa Terra*.

## **ABSTRACT:**

This article aims to critically the covers of the romance “This Earth” of the Bahian author Antonio Torres. This work showing the relationship between each of these cases with the plot of the work. To this we use methodology as some instrument of cultural studies for the analysis of the images, the relationship between book cover / illustrator / the publishers as well as the cover. And included as basic theoretical Caldas ( 2010) conception of Fonseca images (2006 ) use of symbolism in Chevalier (1999 ) between literary production and Straccia covers ( 2007)

**KEYWORDS:** Covers, Image, This Earth.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>1. CAMINHANDO N`ESSA TERRA.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Década de 1970.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2 Década de 1980.....</b>	<b>18</b>
<b>1.3 Década de 1990.....</b>	<b>20</b>
<b>1.4 Década de 2000.....</b>	<b>22</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>30</b>

## APRESENTAÇÃO

A minha escolha em trabalhar com a narrativa *Essa Terra*, de Antônio Torres surgiu depois de uma leitura feita em 2011 com a finalidade de prestar vestibular para curso de Letras da Universidade do estado da Bahia. Esse título compunha a lista de leituras obrigatórias para referida seleção. Percebi que a narrativa se aproximava muito de vivências verídicas, o que me motivou ainda mais, criando uma identificação com histórias vivenciadas por pessoas próximas a mim. Tive a curiosidade de pesquisar também sobre o autor e descobri que se tratava de um autor baiano. Constatei que este possuía um estrondoso reconhecimento por parte do público e da crítica, conseqüentemente resultado de todo o conjunto de sua obra. Por conta disso, já na condição de graduanda do curso de Letras e tendo passado alguns semestres, construí um préprojeto que buscava tratar da identidade sertaneja de um dos personagens de *Essa Terra*, Nelo. Entretanto, no decorrer de todo o curso, fui notando que apenas o texto literário já não era suficiente, pois buscava algo mais além e que pudesse me dar prazer, satisfação, que me instigasse a pesquisar e articular a literatura com outras formas de cultura<sup>1</sup>. Isso porque o primeiro plano de pesquisa já não me entusiasmava e assim vi que talvez um estudo comparativo da referida narrativa com uma letra de música ou com algum personagem cinematográfico, pudesse ser o que estaria almejando, no entanto não surgia esse material.

Já durante o período de orientação para a confecção deste artigo veio a idéia: porque não trabalhar a capa do livro? Em conversação com a orientadora, foi ali que surgiu um grande desafio, de pesquisa, tudo que eu procurava, a assim iniciei a minha investigação: analisar as capas da obra *Essa Terra*, nas décadas de 70, 80, 90, e 2000, observando qual a relação entre cada uma dessas capas com Enredo da obra e com o contexto cultural no qual ela circula. E entender o processo de transformação, atualização das capas em diferentes edições averiguando também a importância dos capistas para a construção da edição, uma vez que a capa do livro é a tradução<sup>2</sup> do que não está exposto, é o texto não verbal.

Realizei a busca das imagens das capas em acervo da internet, não encontrando todas, solicitei ao autor por email que me indicasse alguma referência de pesquisa. Para minha grata

---

<sup>1</sup> Cultura em principio está relacionada à história, costumes e nações, sociedades, grupos humanos, estando em plena interação, crenças religiosas, assim como também as idéias de cada representante da comunidade. (SANTOS, 1996)

<sup>2</sup> Tradução origina do verbo “traduzir” vem do verbo latino traducere, que significa “conduzir ou fazer passar de um lado para o outro”, algo como “atravessar”. (CAMPOS, 1986.).

surpresa a resposta foi imediata, sendo também importante para realização desta pesquisa. Torres não só enviou as capas das edições brasileiras, como também as das edições estrangeiras.

Reunidas essas informações busquei abordar os seguintes pontos: as capas, data da edição, autoria do ilustrador, relação da ilustração com o texto literário, estudo dos elementos simbólicos. Apresento também o contexto histórico de cada década em que a edição foi publicada, assim como uma biografia breve dos ilustradores, e informações sobre as editoras.

Neste artigo o enfoque será dado ao estudo das imagens das capas de *Essa Terra* em diferentes edições, destacando entre elas a edição original do ano de 1976 e também faremos uma ligação com a trama citada em quais aspectos a ilustração se aproxima. Abordamos ainda sua importância e sua relação com o mercado capitalista em que a capa é o primeiro contato que “consumidor leitor” tem de um livro. Mas afinal, o que é uma capa? Qual a função dela em um livro?

Segundo o designer Rubens Lima em seu blog “Sete segredos para criação de capas de livros” a capa de um livro é composta por três finalidades, assim como uma embalagem de um produto, de proteger, identificar, ou seja, diferenciar um livro dos demais e torná-lo único, e como apelado comercial. A capa também sintetiza numa única imagem que sentido terá a narrativa que pode ser alguma cena marcante da obra ou o resumo de acontecimentos principais. É o resultado de todo um estudo da narrativa, mas para que haja uma boa ilustração, o capista tem que conhecer minimamente a trama, mesmo que não haja tempo suficiente pela demanda de ilustrações, para que não haja divergência entre leitura verbal e não verbal, e assim causar no leitor um estranhamento.

A linguagem não verbal em primeiro contato, por maioria das vezes, possui um significado marcante em relação à própria linguagem verbal.

As imagens constituem o nosso ser, elas, assim como as histórias, nos formam, informam e são também poderosas as formas de comunicação. Elas estão presentes não só na origem de nossos pensamentos, dando-lhe corpo e alma, mas também na maioria dos meios de comunicação que nos cerca diariamente (FONSECA, 2006, p. 01).

Assim como afirma a autora acima todas as imagens estão presentes em nosso imaginário, temos mais contato diariamente com ilustrações do que com escrita, dessa forma, como já foi explicitado, a imagem aqui se tratando de capa é um fator marcante entre leitor e texto escrito. Podemos ainda afirmar que a imagem da capa de um romance é a exposição do que não foi lido, pois através destas, o leitor obtém uma prévia do que possa ser a trama.

O mercado editorial busca inovações e criatividades nas produções década capa de um livro, edição por edição, uma capa bem contextualizada fará um romance bem consumido, ou seja, tem que está explanando o que vem tratar a trama de fato, dessa forma o retorno capitalista como também o reconhecimento do autor terá uma aceitação mais acentuada, caso contrário a obra permanece alojada nas prateleiras. Deste modo, a capa de um romance se torna o principal meio de venda rentável, até as próprias editoras estão preocupadas com essa aceitação, pois não atendendo às expectativas do público a tendência é permanecer esquecido. Straccia (2007, p. 77) em sua tese também afirma que uma capa, demonstra determinadas funções comunicacionais: a) referencial, à medida que procura informar o público sobre de que a obra aborda e quem é seu autor; b) fática, pois procura atrair a atenção do leitor; c) poética, pois arranja ou sistematiza os elementos com determinado objetivo; d) expressiva, pois lança informações sobre a qualidade do autor e do próprio texto; e) conotativa, pois busca persuadir o público a comprar ou simplesmente escolher um livro entre tantos semelhantes.

Segundo Sonia Caldas (2010) capa é um discurso publicitário, tendo por objetivo induzir o observador-leitor ao consumo, ao mesmo tempo faz uma comparação com o rótulo de um produto. Aproximando o livro a outro produto de consumo, Caldas sinaliza para a forma como a Contemporaneidade passa a lidar com este produto cultural que precisa ser lido primeiramente pelo rótulo para ser comprado, contendo informações suficientes para convencimento de que a mercadoria é de boa qualidade.

Tratando ainda sobre o processo de construção de uma capa, a função do/a capista se mostra determinante na medida em que pode utilizar as mais variadas técnicas de representação da forma, como também dos pigmentos que a paleta de tintas proporciona. Para isso é preciso que os ilustradores, capistas, tenham conhecimento sobre o sentido das cores, das formas, em que contexto este signo se fundamenta, sendo que nada é aleatório, tudo tem um “porquê e para quê” e isso também é responsável pelo sucesso ou fracasso desta interação leitor e romance. Afirma Sônia em sua tese.

[...] Os efeitos psicológicos que a forma e a cor provocam no ser humano são chamados de percepção, diferenciando de sensação simples estimulação dos órgãos. [...] Tanto as cores como as formas vão ter influência sobre o psiquismo humano e vão produzir Efeitos de sentido. (CALDAS, 2010, p.50).

Como assegura a pesquisadora, as cores em geral têm grande relevância na produção de sentidos, agindo também como estimulante de pensamento, pois no momento em que há contato do observador com a imagem, agrupando com os conhecimentos e experimentos anteriores, vão promover significados.

A linguagem não-verbal é mais imediata que linguagem verbal, mas também é arbitrária, inventada e cultural. É importante aprender a reconhecê-la, empregando as propriedades do sistema visual, usando a abordagem pragmática por meio da confrontação de hipóteses e a abordagem cognitiva em que fatores sociológicos, psicológicos e semiológicos vão influenciar na interpretação e até mesmo na aceitação da imagem. (CALDAS, 2010, p. 41.)

Neste fragmento Caldas destaca o processo de construção e/ou identificação de sentidos ao lermos as imagens. Ela relata que cada leitor tem o livre arbítrio de interpretar, entretanto o mesmo usará de formações discursivas e ideológicas para entendimento de tal imagem representada em cada capa e assim produzir sentido.

## 1. CAMINHANDO N' *ESSA TERRA*

O romance *Essa Terra* foi publicado em 1976 pela editora Ática, do livro se venderam sessenta mil exemplares, permanecendo a obra na lista das mais vendidas durante muitos meses. Este romance apresenta a situação vivida no país no século XX, ao abordar o esquecido meio rural em contraposição aos grandes centros urbanos desenvolvidos. O personagem Nelo sintetiza esse contraste quando sonha em migrar de sua terra natal para São Paulo.

Nelo vivia sonhando com aqueles homens de Jipe, com os ry-bans e relógio de ouro, e que por consequência disso homens de muitas mulheres. Ao se afastar de sua terra natal acabou perdendo a sua identidade e se distanciando de suas raízes. Retorna ao seu lugar de origem sem cumprir as expectativas de enriquecimento de sua família que se encontrava a espera dele no qual imaginava que estaria rico, e com tudo isso acaba pondo fim à sua vida. Dessa forma, a morte de Nelo resume o desgosto emocional, a desilusão com o projeto de prosperidade a crise identitária quando não consegue ter êxito na cidade para a qual migrou e já não mais se reconhece e nem se identifica com a sua cidade, ao retornar.

Torres, em seu romance, expõe uma realidade desumana na época em que o lugarejo retratado era atrasado e esquecido pelo tempo, fazendo uma crítica aos poderes públicos que nada faziam para solucionar tal situação. O autor também trouxe de experiências vividas por ele exemplos de seus conterrâneos para a ficção, apontando as dificuldades, e o sofrimento que passou por causa das agruras da seca e do processo de migração.

Antônio Torres nasceu no sertão baiano de Sátiro Dias, em 1940. Estudou em Alagoinhas e Salvador, onde ingressou no Jornal da Bahia, como repórter, e de onde se transferiu para o diário Última Hora, de São Paulo. Estreou na literatura em 1972, com o romance *Um cão uivando para a Lua*, que causou um grande impacto e foi considerado pela crítica “A revelação do ano”. Seu universo romanesco é constituído de cenários rurais, urbanos e da História, como em *Meu querido canibal*, de seus outros títulos, destaca-se a trilogia formada por *Essa terra* (já com 30 edições, três delas em formato de bolso), *O cachorro e o lobo*, e *Pelo fundo da agulha*. Em 1998, recebeu a comenda do governo francês de *Chevalier des Arts et des Lettres*, pelos seus livros traduzidos na França até então (*Essa terra* e *Um táxi para Viena d'Áustria*). Em 2000, foi distinguido com o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da sua obra. Em 2001, ganhou o Prêmio Zaffari & Bourbon, da 9ª. Jornada Nacional de Literatura, da Universidade de Passo

Fundo, RS, pelo romance *Meu querido canibal*. Em 2007, *Pelo fundo da agulha* foi um dos ganhadores do Prêmio Jabuti. Com várias edições no Brasil, Antônio Torres vem sendo traduzido em muitos países, da Argentina ao Vietnã. A Editora Record acaba de relançar *O Centro das nossas desatenções* e, pelo selo Galera Jovem, *Meninos, eu conto*, que chega à 13ª. Edição.

O autor também conviveu, desde a infância, com a seca acentuada do lugar- o Junco- e os fluxos migratórios do interior rural para as grandes metrópoles, mudou ainda muito jovem para São Paulo, vivendo ele próprio a experiência de migração interna. Antônio Torres foi eleito em 7 de novembro de 2013 para a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras (ABL) concorreu com outros candidatos, recebeu 34 votos, sendo eleito ocupa mesma cadeira do fundador Machado de Assis. Esse fato teve grande relevância para a carreira do autor, sobretudo em relação à sua popularidade. Vejamos o depoimento de Torres após o resultado da eleição.

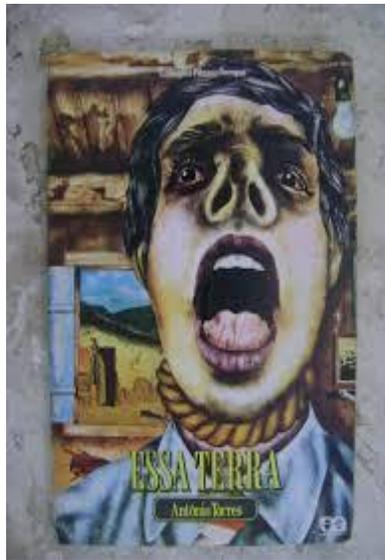
- Fizeram sorrir uma velha criança! - Me sinto feliz por sentar na cadeira que foi de Jorge Amado, um dos escritores que mais me apoiaram no começo da carreira, e também de Machado de Assis, de quem sempre fui leitor. Estou em estado de graça, isso é resultado de uma longa estrada. (O GLOBO, Nov. 2013)

Em uma entrevista feita à revista *Muito*, revista semanal do grupo *A Tarde* em 1º de dezembro de 2013, no mês seguinte da eleição da ABL, Antônio Torres, relata também que depois de eleito, o reconhecimento pelo público foi extraordinário. Veja nesta passagem:

-Ocupar uma cadeira na ABL ainda tem impacto na vida e na carreira de um autor?  
-Sim, e um grande impacto. Não consigo nem acompanhar o que sai na mídia. Desde 7 de novembro, dia da eleição, dou entrevistas para blogs, programas de TV e rádio. Recebi mensagens de todo país e de vários países. (REVISTA MUITO, V.294, DEZ.2013).

Notamos neste trecho que a sua entrada para a ABL também teve grande influência no sucesso do autor, tendo a partir deste episódio uma grande repercussão tanto no mercado, quanto na mídia.

## 1.1 Década de 1970



Capa01(1976)

Esta foi a capa da primeira edição do romance *Essa Terra* do ano de 1976, da autoria do capista Elifas Andreato, pela a Editora Ática. Elifas era um dos capistas mais famosos da época, sendo ele também responsável pelo sucesso de *Essa Terra*. Em uma entrevista para a rádio Itabuna no ano da primeira edição em 31/7/76, às 11h30min da manhã, na Pousada Colonial, Antônio Torres fala da aceitação da narrativa e comenta sobre Elifas. Vejam:

[...] - as ilustrações do Elifas Andreato estão sensacionais...; você que chamou o Elifas para ilustrar?(TRIDENT, 1976)

– Não, foi o próprio editor. Eu só vim conhecê-lo no lançamento do livro. O Elifas disse que este era um dos melhores livros que já havia lido. Leu umas dez vezes. Viagou para varias cidades do nordeste fotografando os lugares por onde ele passava, procurando se integrar cada vez mais no contexto do livro [...]– Acho que o Elifas está muito em evidência...; acho que ele devia dar um tempo...; a gente vê ele em tudo quanto é lugar...; é capa de disco, revista, jornal, livro. (TORRES, 1976).

Então, através desta entrevista fica evidente que houve estratégia editorial, por se tratar de um capista já conhecido à época, bastante requisitado no meio artístico, seria uma forma da narrativa ter a oportunidade de multiplicidade de venda no mercado. Além disso, nesta edição percebe mos que Andreato representa o personagem principal em um quarto simples, indicando classe social baixa, com uma corda no pescoço. Essa “corda” simbolizando o fim de um sonho, de uma vida desesperante, em que nada pode fazer para se completar intimamente, apresentando também um semblante de frustração e de tristeza. Apresenta o protagonista de terno para marcar sua posição social reforçando a imagem de Nelo como um homem formal ou ainda com o intuito de destacar a inserção dele na metrópole. Em relação à coloração o capista trabalha as cores amarronzadas o que remete à terra natal, o lugar em que o personagem habita e onde comete o suicídio. Ele traz a imagem aproximada do personagem como forma de mostrar ao leitor que o enredo se desenvolverá em torno dele.

Podemos fazer uma relação da capa acima apresentada com o fragmento retirado da narrativa.

[...] Nelo continua engravatado na corda sob o olhar mudo do patriarca. [...] Além da roupa do corpo, com que estava vestido, como se antes tivesse pensando em sair, como se a morte não fosse uma coisa premeditada. [...] tinha os olhos bem abertos, olhava para o telhado, sem piscar. (TORRES, 1991, p.34).

Nota-se que neste trecho, momentos vividos pelo personagem estão de acordo com a ilustração apresentada pelo capista, mostrando o suicídio como forma de escapamento da vida de sofrimento, angústia, em que se encontrava, pois nada pode fazer nem por si, nem pela sua família, o retorno deste, da cidade metropolitana só fez reviver as lembranças do que viveu em Junco.

O capista também traz um espaço marcante de um povoado castigado pela seca, em que apresenta um casebre de tijolos em partes desmanchando, remetendo à pobreza vivida pela população de Junco. Vejam:

[...] E eu, que nunca vi uma açucena. Os cacos: de telha, de vidro. Sons de martelo amolando as enxadas, aboio nas estradas, homens cavando o leite da terra. O cuspe do fumo mascado da minha mãe, a queixa muda do meu pai, as rosas vermelhas e brancas da minha avó. As rosas do bem-querer: (TORRES, 1991, p.15).

Essa ilustração pode ser associada também ao contexto da época em que a narrativa foi publicada, meados da década de setenta do século XX, período da Ditadura Militar no Brasil. O medo, a angústia foram sentimentos gerados pela forte repressão do governo militar, traduzido especialmente na forma de censura.

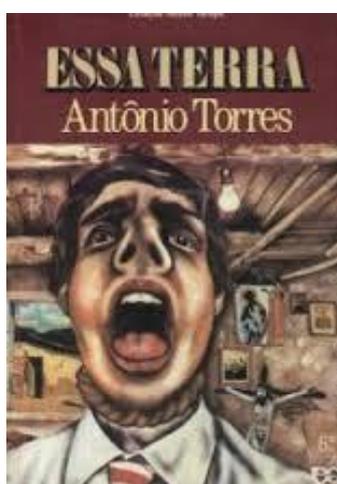
Destaca também a promulgação da Lei 6.683, a “Lei da Anistia”, em que a volta de exilados, clandestinos e ex-presos políticos era uma vitória considerável depois de tantos anos de silêncio e repressão, Ainda em meados de 1970 cidadãos brasileiros tais como estudantes em São Paulo realizam protestos nas ruas com as palavras de ordem “*Libertem nossos presos! Agora, já!*” juntamente com outros setores da oposição, aproveitaram o movimento e criaram o Comitê 1º de Maio pela Anistia: o primeiro passo para uma campanha pública, de rua e ofensiva pela anistia no país.

E nesta primeira edição de 1976 destaca-se o padrão de tratamento destas forças armadas, para com a população que sofreu repressões, sofrimento em determinada época, a Ditadura Militar. Veja neste fragmento.

Eles me agarraram pela orelhas e pelo pescoço e bateram a minha cabeça no meio fio da calçada. Berrei. Que meu berro enchesse a rua deserto [...] rachasse as nuvens pesadas e negras da cidade de São Paulo: \_Socorro. Estão me matando. (TORRES, 1991, p. 42).

O autor Antônio Torres faz uma crítica denunciando essas injustiças em sua obra, através do conflito censurável em que passa Nelo.

Nota-se que o capista ao colocar na imagem o personagem Nelo com a boca aberta, como se estivesse gritando, nos faz refletir também sobre uma posição protestante contra a forma de governo existente na época.



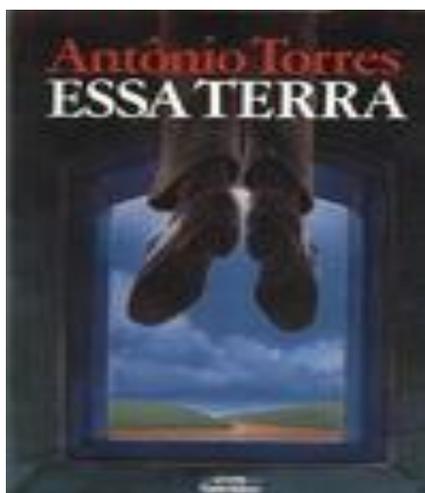
Capa: 1983

Já esta edição foi lançada em 1983, também pela a Editora Ática, é uma adaptação da original de Elifas Andreatto, o novo enquadramento traz uma mesma idéia de representação, porém fazendo algumas modificações. Já não apresenta uma ilustração tão aproximada, diferente da capa figura nº 1 em que ficam visíveis também outros elementos, o título da obra vem em primeiro plano, destacando-o, atraindo o leitor convidando-o para a leitura, e logo abaixo, o nome do autor.

Nesta figura logo atrás do personagem percebe-se outra, do Cristo crucificado, fazendo uma analogia de que o sofrimento de Nelo seria tão intenso quanto o do Cristo na cruz, quando este protagonista sofre as agruras por estar em um lugar com o qual não se identifica e que não o acolhe. Há ainda nesta capa alguns quadros que parecem remeter ao tema da religiosidade cristã, lembrando imagens de santos católicos tão comuns em casas de famílias nordestinas de classe social baixa, especialmente nas décadas de 1970 e 1980. Este

foi o período em que o capista revelou ter visitado vários lugares do Nordeste brasileiro como inspiração para “traduzir” *Essa Terra* para a linguagem não-verbal.

## 1.2 Década de 1980



Capa: 02 (1988)

Na década em que esta edição foi lançada podemos destacar vários acontecimentos históricos no Brasil, como a nova Constituição promulgada em 1988, em que estabeleceu eleições diretas com dois turnos para presidência, assim também como voto facultativo aos analfabetos e aos jovens a partir dos 16 anos. Esta Constituição foi o que favoreceu aos brasileiros dias melhores, com a proibição da tortura, fim da censura e igualdade de direitos entre homens e mulheres. Podemos destacar ainda as eleições diretas em 1989, em que os eleitores já poderiam opinar, através de seu voto, assim concretizando a ideia de democracia. A eleição foi a mais concorrida da história da República.

Sob este contexto esta edição foi lançada em 1988 pela editora Clube do Livro, sendo esta também renomada no período, tinha um sistema de assinatura e os leitores recebiam as edições em domicílio, possuía um baixo custo, mas garantia a qualidade das edições, o que atingia um público ainda maior. A editora atuou com este modelo por mais de 40 anos no Brasil.

A capa é de autoria do ilustrador Élcio Noguchi, sendo também um dos maiores capistas de discos do Brasil, tendo ainda criado marcas famosas, dentre elas a primeira da *Brahma Extra* o que nos revela ser ele um grande conhecedor das relações mercadológicas que envolvem um produto a ser consumido e o livro não estaria desvinculado dessas relações.

O capista Noguchi traz uma representação também de enforcamento, só que agora o personagem encontra-se de costa, em um local escuro. Neste local em que o personagem comete este fim trágico é aparentemente vazio, deixando em primeiro plano para leitor, também a presença da classe social, através do sapato de luxo em que usava Nelo, em que implica um sonho de conquistas materiais e que ao mesmo tempo queria ter uma identidade forjada, uma vez que, a população do Junco, acreditava que ele estaria rico, e como era apenas uma farsa, que nada ele tinha, vivia jogando nas loterias, o fracasso tomou conta de seu interior, cometendo, o suicídio.

A partir de pesquisas feitas, suicídio é quando uma pessoa se sente no limite, de tal forma angustiada, desesperada que a única forma de fuga é a morte. O capista também traz a figura da janela o que simboliza uma fronteira, em que o personagem, tem a visão do que existe do outro lado de fora, mais não estando liberado a passagem, existindo uma barreira, o que nos remete a pensar que Nelo tinha um sonho, mas que este não foi bem sucedido, não pode ser alcançado. A janela simboliza ainda consciência. O personagem sabia o que estava passando, e não deixava transparecer aos moradores do junco, presentes ali na memória, a dor da derrota, do conflito identitário que ele vivenciava. Vejam:

[...] – Ah não de jeito nenhum. Não quero me molhar, senão meu terno desbota. Só trouxe este. (TORRES, 1991, p.30).

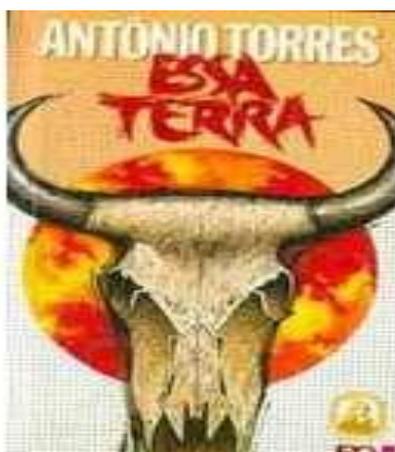
[-vamos volta? não quer ir até lá? - a cancela é logo ali embaixo-Eu sei fica pra outro dia -Mas já chegamos até aqui-Hoje não- ele disse e foi andando na minha frente, de volta à rua. Calado e fechado: trancado. (TORRES, 1991, p.31).

Notamos que na ilustração apresentada por Noguchi em relação ao fragmento acima apresentado, este traz elementos simbólicos, como por exemplo: a janela moldurada podendo-se fazer referência a uma fronteira proibida, que do mesmo modo vetava um sonho que possuía de conquistar o mundo. Percebemos ainda nesta passagem a angústia de Nelo, quando o mesmo desiste em seguir a estrada e decide retornar, podemos fazer também uma relação com a janela apresentada pelo capista, metaforizando uma barreira, a desmotivação de continuar a viver.

O capista apresenta também a cor preta acinzentado, o preto de acordo com o dicionário de simbologia, não é considerado nem quente nem fria, em relação à imagem visualizada, o autor desta parece fazer referência à morte, ao luto, ou à impossibilidade de reversão daquele episódio vivido por Nelo. E atrás desta janela emoldurada fica visível o outro lado, de um lugar, deslumbrante, assemelhando-se a um espaço de tranquilidade,

paradisiaco, muito semelhante à representação do ambiente celestial cristão. Pelo fato de o capista trazer cores como azul bebê, um céu claro com nuvens, o que parece nos indicar é que Nelo almejava ter esperança, serenidade, mostrando os dois lados, o lugar que ele habita e o lugar que ele gostaria de estar, o que parece indicar que este personagem veria a morte como possibilidade de liberdade e salvação.

### 1.3 Década de 1990



Capa: 03 (1991)

Nesta década ano da edição do livro, podemos destacar no contexto histórico político do Brasil o surgimento do Plano Real, desenvolvido aplicado no Brasil durante o governo de Itamar Franco, em 30 de junho de 1994, tendo como finalidade a redução e o controle da inflação. Antes disto vivenciamos um período de fortes turbulências econômicas e políticas, a exemplo da medida que confiscou a Poupança de todos os brasileiros e posteriormente o afastamento do primeiro presidente eleito pelo voto popular depois de mais de duas décadas de Ditadura militar. A sociedade brasileira vivia então sob o clima de frustração e incerteza com relação ao futuro do país

Esta edição foi lançada em 1991, pela a editora Ática, tendo como o ilustrador, Jayme Leão que trabalhou por doze anos como editor de capas e de arte, sendo este também conhecido pelas capas de livros paradidáticos e revistas como *Isto é*, *Veja* e *Folha de São Paulo*. A referida edição foi um relançamento feito pela Ática, chamada *Coleção Rosa dos Ventos*, coletânea esta que seria especialmente para jovens leitores, principalmente para estudantes, uma vez que esta editora lança edições de livros exclusivamente para alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Com a finalidade de se adequar a este público, utiliza

de imagens populares e de fácil reconhecimento. Torres faz um comentário sobre esse conjunto em uma entrevista nesta narrativa. Observem:

-O que significa para você o relançamento do Essa Terra na série Rosa-dos-ventos., destinada principalmente à jovens leitores?-Significa que o livro está cada vez mais vivo, atual e despertando o interesse de novos leitores, como os jovens estudantes que estão se iniciando no mundo da literatura, vejo isso com alegria é claro. (TORRES, 1991, p. 04).

No trecho acima, fica visível a satisfação do autor, com esta possibilidade de ampliação de seu público para a esfera juvenil, sobretudo por atingir o espaço dos estabelecimentos formais de Educação, contribuindo para o estímulo à leitura

O capista Jayme Leão apresenta uma imagem diversificada em relação às capas das décadas anteriores, pois o mesmo não foca em uma ilustração do personagem principal e se fundamenta no espaço, no qual usa de uma simbologia do Nordeste, expondo a imagem da carcaça de cabeça de boi, desse modo, representando a seca exacerbada do sertão. Veja nesta passagem da trama.

[...] O junco sobrevive às suas próprias mágoas, com a certeza de quem já conheceu dias piores. [...] Em 1932 o lugar esteve para ser trocado do Estado da Bahia para o mapa do inferno, na pior seca que já teve notícia por essas bandas, hoje reverenciada em cada caveira de boi pendurada numa estaca, para dar sorte. [...] –O povo caía e morria de sede e fome, como o gado. Era de cortar o coração. (TORRES, 1991, p. 16).

Notamos que o capista ao colocar uma carcaça de cabeça de boi, em um círculo de fogo em que o mesmo parece fazer referência ao clima infernal que existia no Junco, em que o próprio ser humano sofria com as agruras da seca, imaginem os animais, um grande sofrimento para o povo que ali habitava. O capista ainda apresenta cores quentes, tais como vermelho, amarelo meio alaranjado, tons que remetem à ideia de fogo, a um lugar quente.

O junco era um lugar em que o tempo parecia parado e sem vento, no qual se permitia escutar até o piar da morte. Percebemos também a presença da imagem estereotipada que se tem do nordeste, no uso de clichês, em que se faz referência ao sertão nordestino. Afirma Muniz de Albuquerque Júnior a esse respeito:

[...] Vai se operar nestes discursos com um arquivo de clichês e estereótipos de decodificação fácil e imediata, de preconceitos populares ou aristocráticos, além de “conhecimentos” produzidos pelos estudos em torno da região. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 91)

Assim como a carcaça de boi apresentada pelo capista, representando a seca, a figurado homem sertanejo também é associada a esta representação esquelética e que está ligada à morte. Dessa forma, Leão usa elementos que remetem a um Nordeste rural, excluído do processo de modernização e isolado do resto do país por conta das mazelas provocadas pela seca. Essa maneira de estigmatizar a região acaba por se estender às pessoas que nela vivem. Nesse sentido, os nordestinos com estereótipos<sup>3</sup> e avaliações negativas atreladas à idéia de atraso e de retrocesso feitas pelos habitantes das regiões Sul e Sudeste, sobretudo. Nota-se que o título da narrativa que vem logo abaixo do nome do autor, o capista também parece fazer relação com o lugar, o Sertão, usando a formadas letras como se fossem pintadas e a cor vermelha, que de acordo com o contexto desta ilustração está relacionada ao sangue. Por conseguinte associamos esta formatação à dor, tristeza, fome e desespero vivenciado por Nelo e pelos outros personagens moradores do Junco, que nada podiam fazer por aquele lugar. Para Cláudia apud Lima(1999) sertão conceitua da seguinte maneira.

Sertão seria oriundo de “desertão”(do latim desertanu). Segundo Lima, alguns dicionários da língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX, afirmam que sertão se refere a região pouco povoada ou, em relação ao espaço, como interior; assim como associam a palavra floresta ou mato, longe da costa, ou mesmo trazem idéias como lugar inculto, incivilizado.(VASCONCELOS, 2011 APUD LIMA(1999).

Podemos constatar nesta edição ainda que o nome do autor da ilustração está explícito na capa, evidenciando assim o mérito de reconhecimento e de valor, o que difere das outras edições acima apresentadas, que não trazem a autoria da imagem.

#### **1.4 Década de 2000**

---

<sup>3</sup>Estereótipo é geralmente imposto, segundo as características externas, tais como a aparência (cabelos, olhos, pele), roupas, condição financeira, comportamentos, cultura, sexualidade, sendo estas classificações (rotulagens) nem sempre positivas que podem muitas vezes causar certos impactos negativos nas pessoas. (MARTINEZ, 2015).



Capa: 04 (2001)

No Brasil ainda neste período, em que esta edição foi lançada houve vários acontecimentos, inclusive na eleição direta, que elege pelo voto o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assim ficou marcada como a década de esquerda política, sendo este o primeiro operário a alcançar a presidência da República, eleito no ano de 2002.

Esta edição foi lançada pela editora Record, como ilustrador Victor Burton, tendo iniciado sua carreira na editora Franco Maria Ricci de Milão, na Itália. No Brasil desde 1979, vem se dedicando ao design gráfico na área editorial e de produções culturais, destacando-se a longa colaboração com diversas editoras renomadas, dentre as quais Companhia das Letras, Record, Objetiva, Ediouro e Nova Fronteira.

A Editora Record, responsável pela edição do ano de 2001 foi fundada por Alfredo Machado e Décio Abreu, em 1942, possuindo vários perfis tais como Record, Bertrand Brasil, José Olympio, civilização Brasileira, Rosa dos Tempos, Nova Era, entre outros e edições Best Bolso, Galerinha & Galerinha. Vale ressaltar que a Editora é detentora de um currículo bastante significativo, o que também ajuda a divulgar esta edição da narrativa do autor baiano.

O capista traz uma imagem totalmente modificada em relação às outras edições já apresentadas. Ele usa poucos elementos simbólicos, utiliza de cores neutras e terrosas, o branco em maior intensidade, ficando em evidência a cor preta, que dá uma idéia de refinamento, moderno, na roupagem do romance, mas também pode se referenciar ao luto existente na trama, e o branco como a busca da paz, tranquilidade, conforto que o personagem Nelo buscava com o suicídio. Do mesmo modo com o amarelo alaranjado, com alguns sombreamentos de marrom, o capista inclui o sol, de forma estilizada, com uma mistura de cores na qual parece referenciar ao tempo, se assemelhando ao fogo, à queimadura da terra.

Burton também mostra uma janela fechada, o que se sugere que o sonho do protagonista fosse vedado. Este elemento pode estar delimitando o espaço privado do espaço público, representando uma passagem entre dois modos de vida, entre dois ambientes que ora estão em conflito ora se complementam. Assim também se apresenta a relação entre o Sertão e a “Cidade Grande” (São Paulo) no romance. Além disso, o tipo de janela é indicador da classe social, média baixa, a que o capista se refere. O chão desgastado é um elemento que colabora para indicar a passagem do tempo, pelo uso e pela proximidade também com um homem já idoso.

Chama a atenção o objeto nas mãos deste homem e, principalmente sua cor: um guarda sol preto. De acordo com Chevalier no *Dicionário de Símbolos*, este representa proteção, uma vez que seu uso no cotidiano torna-se indispensável, tanto nos dias de sol, quanto de chuva. O capista parece fazer relação, com o clima extremamente quente do lugarejo de Junco descrito por Antônio Torres.

[...] Pedro Infante, um homem de muitas manias. Nunca se expunha ao sol sem cobrir as costas das mãos com os punhos da manga e o pescoço com a gola da camisa. A proteção era total: Qualquer hora do dia podíamos encontrá-lo com uma guarda-sol aberto, para não se queimar, mesmo que fosse entre venda e sua casa. (TORRES, 1991, p. 39).

Na passagem acima o homem exposto pelo capista segurando o guarda sol parece assemelhar com Pedro Infante um dos personagens existentes da trama. Isto indica que nesta ilustração o capista vai dar voz a outro personagem, presente no enredo.

As letras aparecem em tom amarronzado em sintonia com a cor do sol e com uma proximidade deste desenho podendo indicar uma forte ligação da Terra ficcionalizada por Torres e o astro-rei ilustrado.



Capa: 05(2008)

Já esta capa da edição de 2008, também pela editora Record, é uma adaptação da capa de Victor Burton, feita pela designer Carolina Vaz, sendo esta também bastante reconhecida no mercado, e como assina também vários trabalhos como a capa de O Projeto Rosie, publicado pela Record.

Carolina Vaz utiliza na capa os mesmos elementos, porém fazendo algumas modificações remetendo ainda às cores neutras, como o branco e o preto. Diferentemente da capa de 2001, o desenho do sol aparece agora com uma cor quente, o amarelo, o que sugere o lugar quente posto pelo autor da narrativa, apresenta a cor marrom referenciando a terra, da mesma forma que exibe uma pessoa idosa com um guarda sol preto na mão.

O que podemos diferenciar é o elemento janela, que na capa anterior, não parece ser de um material refinado, já nessa exposta por Carolina, percebe-se uma janela robusta, de vidros, o que dá a entender que há uma visão do outro lado da janela, diferente da primeira. Na primeira, Victor parece fazer referência com a classe social baixa em que Nelo vivia no Junco, um lugar fechado, calado, e triste, e a outra Janela evidenciando a modernidade que ele almejava.

A editora Record é responsável também por um grande incentivo à divulgação do romance quando lança exclusivamente a edição Best Bolso, sendo esta ainda mais acessível ao público leitor, por ser um livro de bolso. É possível constatar que *Essa Terra*, pelo conjunto de sua obra, tornou-se um produto veiculado ainda em maior número depois desta edição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste trabalho foi possível perceber que o texto literário *Essa Terra* considerando várias edições, tais como décadas de 70, 80, 90 do século XX e década de 2000 no século vigente, apresentou pelas capas, leituras diversificadas de acordo com o contexto histórico de cada época e com o estilo do capista.

Estas questões revelam que o livro é ao mesmo tempo um produto cultural e mercadológico pelas relações que apresenta com a cultura se tornando mais um bem de consumo. Isso porque a partir do momento que uma capa apresenta ilustrações, o livro passa a ser visto não só pelo o texto verbal, mas também pelo invólucro. Desta forma o primeiro contato do leitor consumidor é com o livro é com a “embalagem” do produto, que tem por função apontar ao leitor, genericamente, o desenvolvimento do enredo. Refletindo sobre a perspectiva de que a capa também é produto da cultura e do mercado consumidor busquei entender através de mensagens trocadas com o autor Antônio Torres, qual a relação deste com as editoras, com os capistas. Foi feita a seguinte pergunta:

-Na edição de um livro, ainda na elaboração deste, se tratando da capa, passa pela a sua aprovação, ou a preocupação desta, é da editora juntamente com o capista?-A editora Record costuma me enviar as capas, para a minha aprovação. A Ática - caso do *Essa Terra* - não fazia isso. (EMAIL, 2016)

Podemos perceber neste trecho que Antônio Torres está conectado com a tecnologia contemporânea, estabelecendo com seus leitores um canal virtual de comunicação. Ao mesmo tempo entende que o livro como produto cultural não só é vendável pelo texto literário, mas também pela “roupagem” do livro. Destacamos o quanto a editora Record se preocupa em encaminhar a capa do romance para a apreciação do autor, estabelecendo uma relação mais dialogada que impositiva como o fazem algumas editoras, segundo depoimento dado por Torres.

Em consonância com a contemporaneidade ressaltamos que o autor, acompanha a circulação de seu livro como um produto cultural. Isso também pode ser ilustrado pelas inúmeras capas estrangeiras que ele me enviou para compor o corpus deste trabalho, mas que por questões de tempo e formatação, não será abordado aqui, mas em projetos futuros. Este artigo pretendeu apenas fazer um breve passeio por algumas capas de *Essa Terra* com o intuito maior de provocar outras leituras por leitores/as diversos/as. Para que estes se

aventurem em maiores viagens por este enredo que já rendeu muitas edições tanto nacionais quanto internacionais.

## REFERÊNCIAS

1. TORRES, Antônio. **Essa Terra**, São Paulo, Ática, 1976.

2\_\_\_\_\_. **Essa Terra**, Ed. São Paulo. Ática, 1983.

3\_\_\_\_\_. **Essa Terra**, Ed. São Paulo, Clube do Livro 1988.

4\_\_\_\_\_. **Essa Terra**, Ed. São Paulo, Ática, 1991.

5\_\_\_\_\_. **Essa Terra**, Ed. Rio de Janeiro, Record, 2001.

6\_\_\_\_\_. **Essa Terra**, Ed. Rio de Janeiro, Record, Bast Bolso 2008.

ALBUQUERQUE Jr., *Durval Muniz* **Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez. 2011.

**Biografia**. Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/antonio-torres/biografia>> Acesso no dia 03.04.2016 às 17h03minm.

BORGES, Kátia. **Todo autor vive o desafio de driblar sua biografia**. Revista Muito. Semanal do grupo “A tarde”. Salvador: n.294, p. 08-10 dez. 2013.

CALDAS, Sônia Regina de Araújo. **Gabriela Baiana de Todas as Cores**. 2010. 272f. Tese Doutorado em Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras da UFBA. Salvador. Bahia.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 14<sup>a</sup> ed. Tradução de Vera da Costa e Silva [ET al.] Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

**Dicionário de Símbolos** Disponível em <http://www.dicionariodesimbolos.com.br/busca>> Acesso em/24.04.2016 às 15:04 hs.

---

DIREÇÃO DA ARTE: **O significado das cores no designer** Disponível em <https://blogdamarco.wordpress.com>> acesso em 01.05.2016 às 10h22minhs.

**Estereótipo**. Disponível em <http://www.infoescola.com/sociologia/estereotipo>> acesso em 02.05.2016 às 20h30minhs.

FONSECA, Leda Maria. **leitura de imagens e a formação de leitores**: Virtual Books, 2000. Disponível em:<[alb.com.br/arquivomorto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem08sm08ss02\\_02.pdf](http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem08sm08ss02_02.pdf)>. Acesso em: 05.04.2016.

**História do Brasil**. Disponível em [http://www.suapesquisa.com/historia-do-brasil/plano\\_real.htm](http://www.suapesquisa.com/historia-do-brasil/plano_real.htm)> Acesso em 01.05.2016 às 10h40minhs

RUBENS, Lima. **Os setes segredos da criação da capa de um livro**> disponível em <http://blog.capista.com.br>.> acesso em 05.04.2016.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

**Significado de Cultura**. Disponível em <http://www.significados.com.br/cultura/>acesso> em 16.05.2016 às 15h00minhs

SIQUEIRA, J. C. **O Desvelar da Imagem: análise semiótica de capas de livro do domínio da Ciência da Informação**. Revista Anagrama, São Paulo, v. 3, n. 3, 2010. Disponível em: <[http://www.usp.br/anagrama/Camara\\_desvelardaimagem.pdf](http://www.usp.br/anagrama/Camara_desvelardaimagem.pdf)>. Acesso em 07.04. 2016.

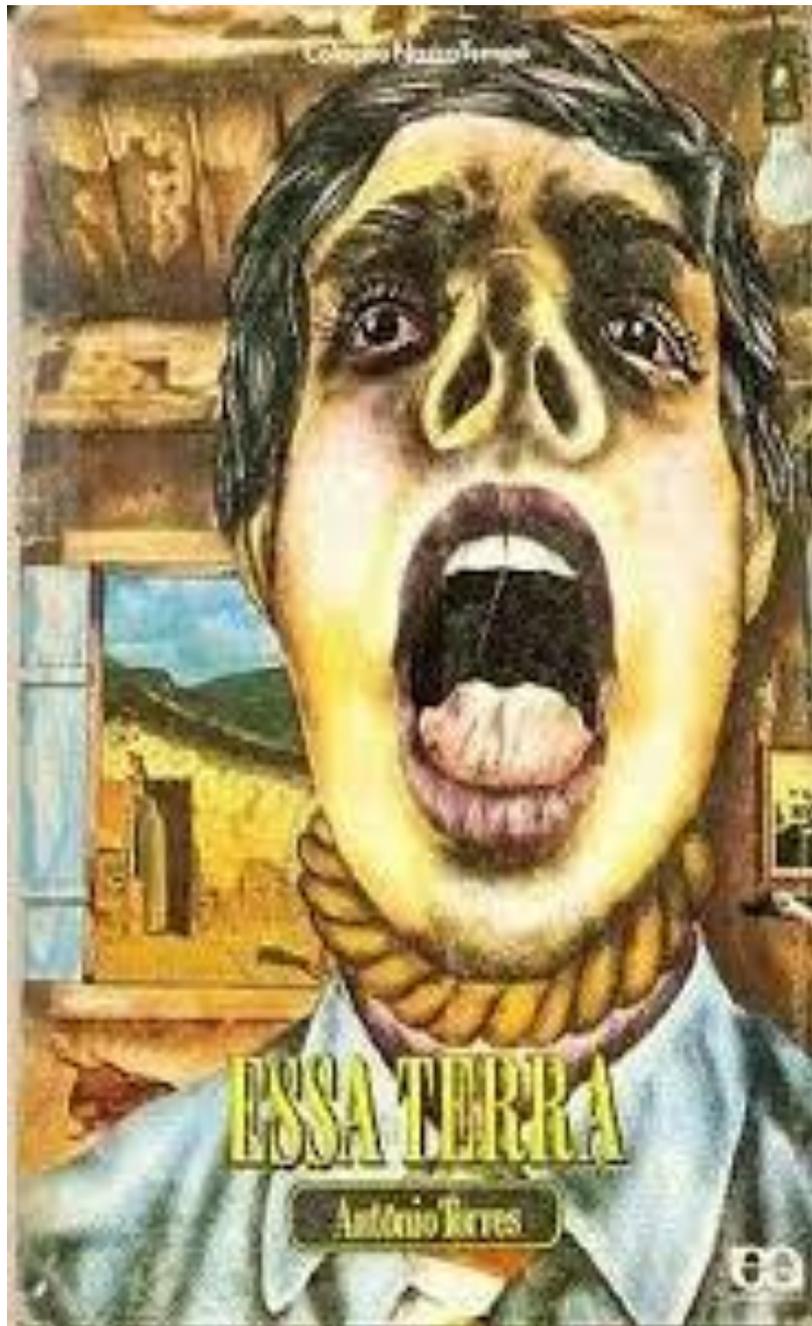
SOUZA, Lucineide. **Relação com as Editoras** [mensagem pessoal] Mensagem recebida por [antoniotorres@hotmail.com](mailto:antoniotorres@hotmail.com) em 11 mai. 2016.

STRACCIA, Carlos **As marcas que se imprimem na capa de livros adaptados para o cinema e para a televisão**. 2007. 150 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social)— Faculdade de Comunicação Multimídia, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

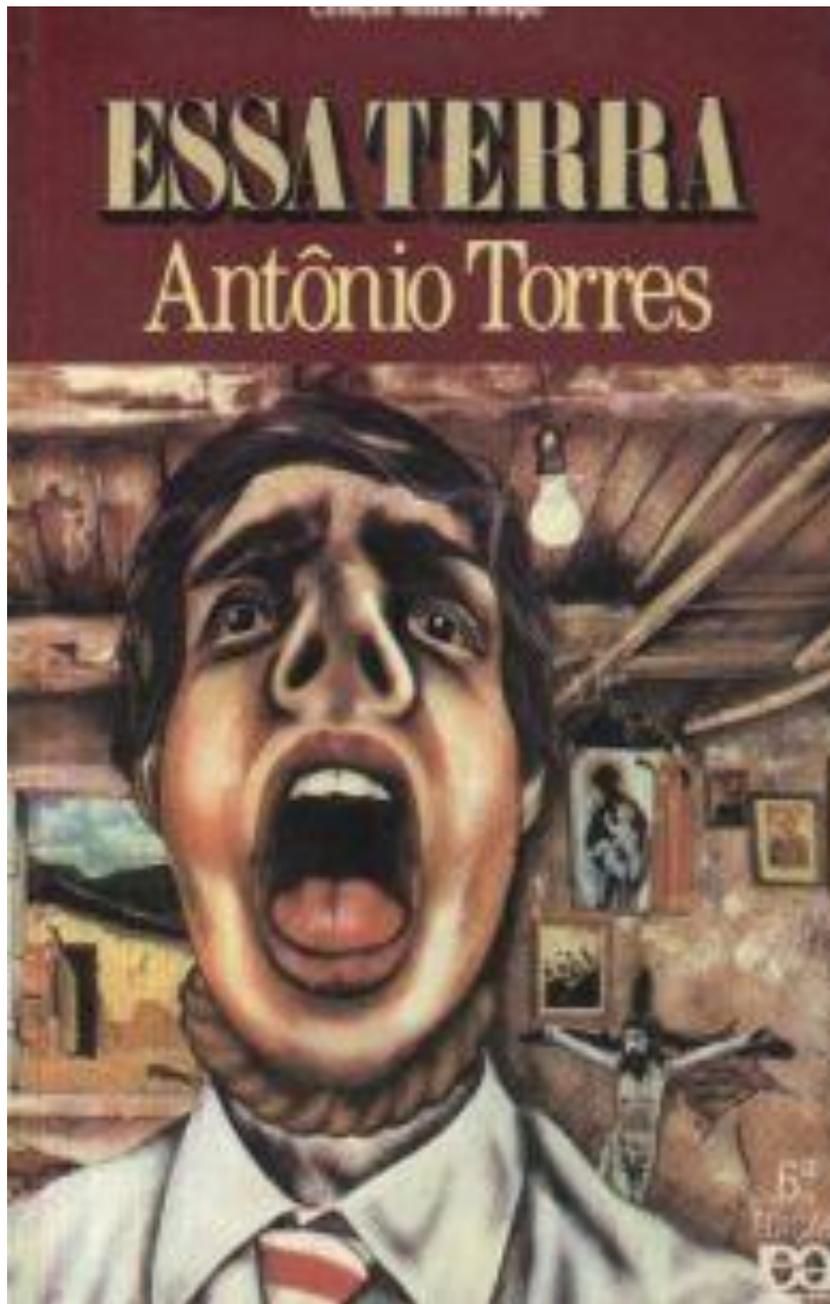
TORRES Antônio. **Nessa Terra**. Correio Brasilense, Segundo Caderno. Hospedaria da Ceplac, Itabuna, 28 de jul. de 1976. Entrevista a Joba Trident. Disponível em [www.antoniotorres.com.br](http://www.antoniotorres.com.br)> Acesso em 01.02.2016.

MEIRELES, Maurício. **Eleição ABL**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/academia-brasileira-de-letras-elege-antonio-torres-como-novo-imortal.>Acessoem> 01.02.2016.

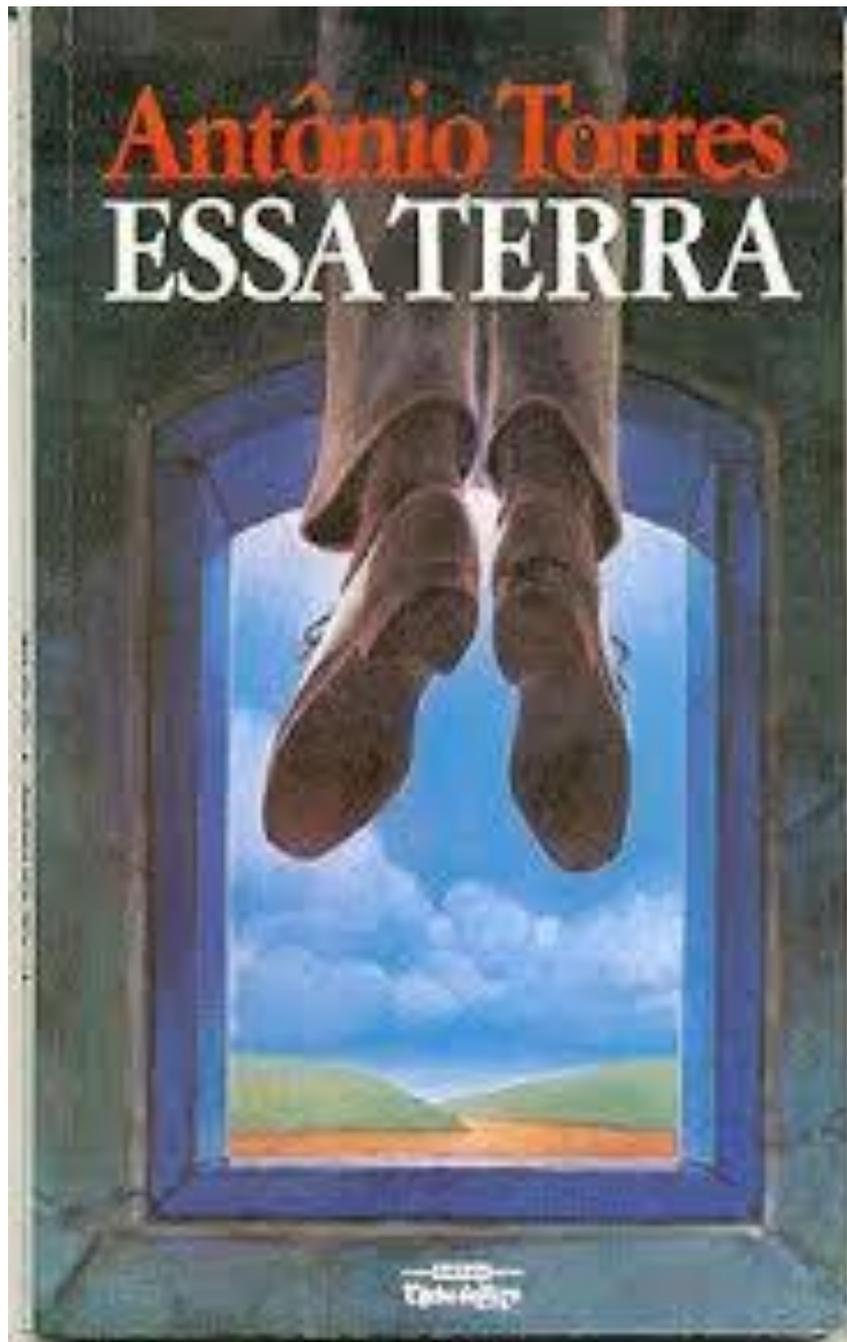
# **ANEXOS**



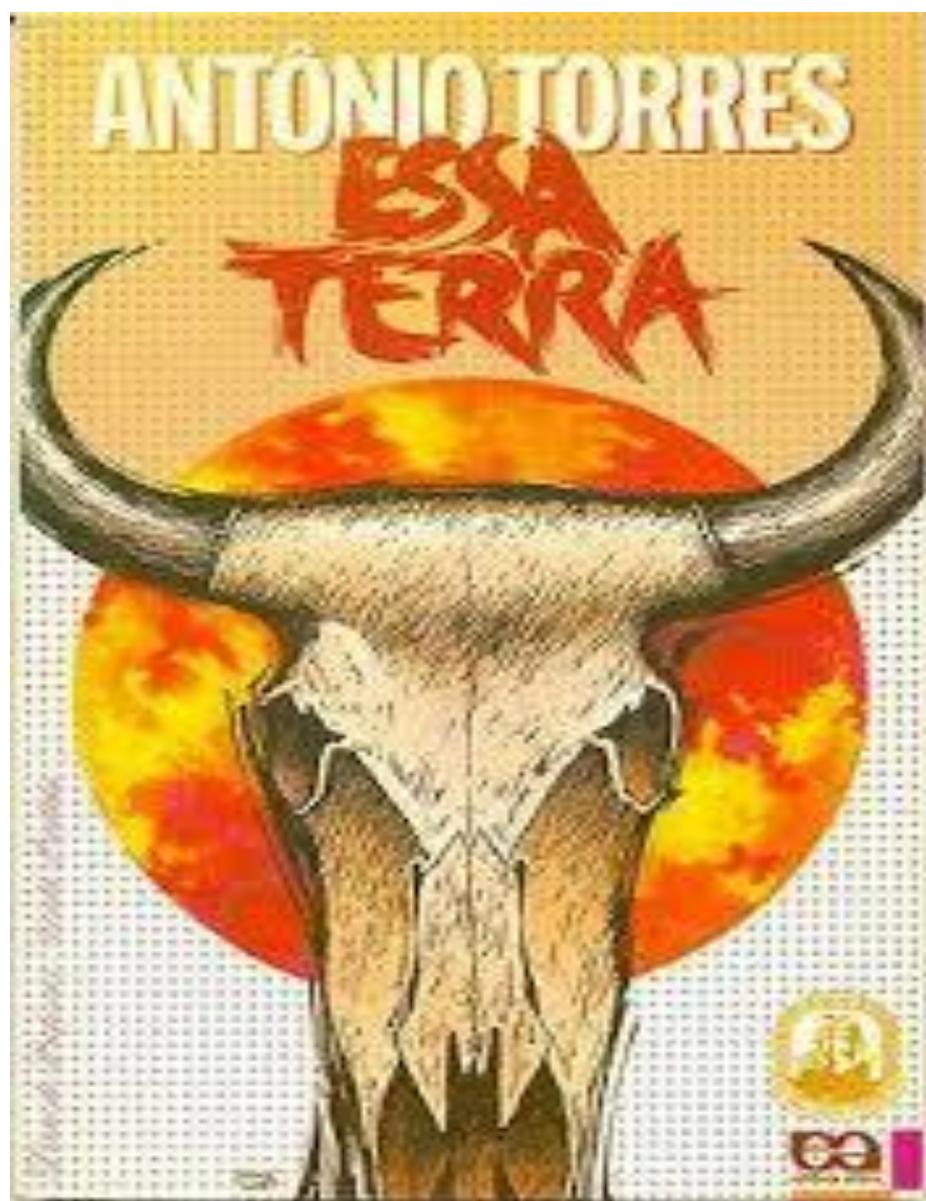
Ano: 1976



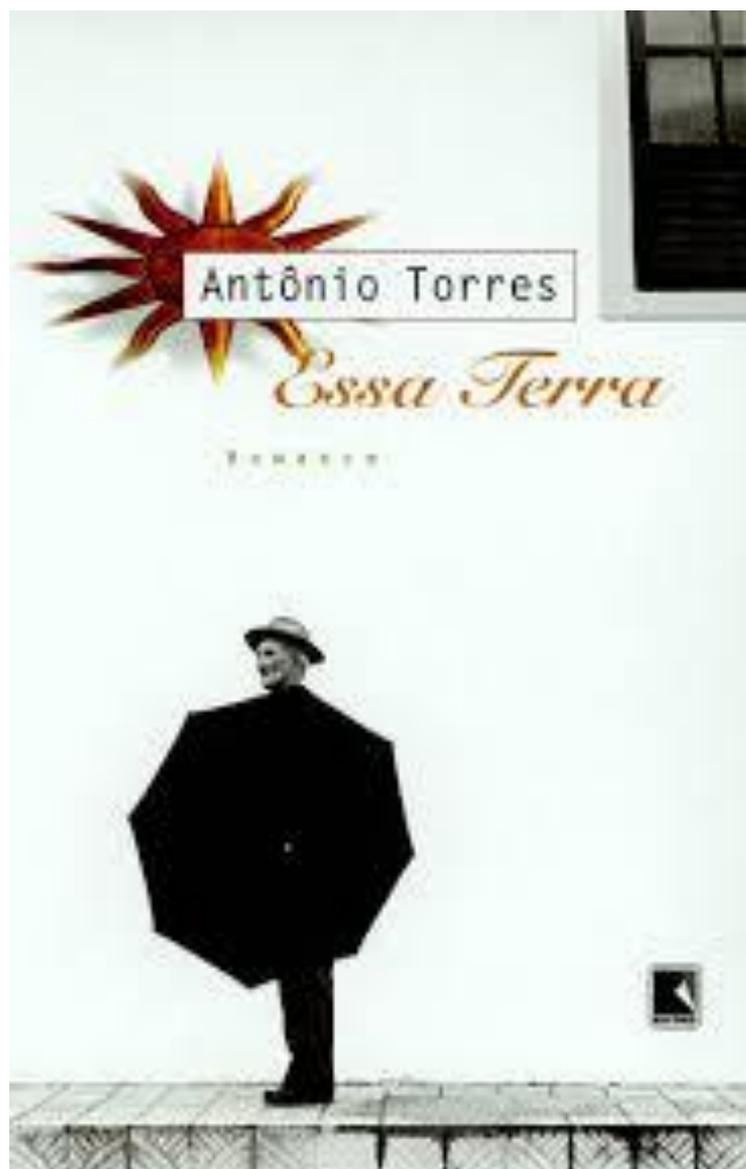
Ano: 1983



Ano 1988



Ano: 1991



Ano: 2001

VentBolsa

Antônio Torres  
*Essa Terra*  
tomaço



Ano: 2008